

## OS MAIAS OU O APOCALIPSE FINISSEULAR

Raimunda das Dores Santos

### RESUMO

Este artigo tem como objetivo refletir sobre “Os Maias”, obra de Eça de Queiroz, publicada em 1888; nessa reflexão pretendemos demonstrar que os romances escritos nos finais de séculos tratam de assuntos que se aproximam dos fantasmas do Apocalipse. Para desenvolver essa ideia recorreremos à teoria de Elaine Showalter: “ANARQUIA SEXUAL – Sexo e cultura no fin de siècle”(1993) na qual ela define que os finais de séculos não só sugerem como também são carregados de significados simbólicos e históricos por lhe atribuímos metáforas de morte e renascimento.

Palavras-chave: Os Maias. Apocalipse. Degenerescência. Incesto. Decadência Nacional.

A obra “Os Maias”1888, compreende a época em que Portugal passava por uma profunda crise de decadência moral, espiritual, também chamada de Apocalipse finisseular. Essa crise provocou vários debates entre os intelectuais os quais discutiram a maneira de como a nação poderia sair desse momento crepuscular, uma vez que se vivia uma fase de completa descrença, de ceticismo exacerbado, e ainda, existiam aqueles que acreditavam em uma catástrofe; previa-se que Portugal seria invadido por um país vizinho e que, após a derrota, a humilhação decorrente da ocupação estrangeira, surgiria o renascimento da fé e das energias perdidas, provocando uma mudança, ressurgindo daí uma nova nação.

Partindo desse contexto, a escolha de trabalhar com “Os Maias” obedeceu ao desejo de refletir sobre esse romance respaldado na teoria de Showalter – Anarquia Sexual”; Sexo e cultura no fin de siècle-. Segundo essa teoria os romances escritos nos finais de séculos tratam de assuntos e personagens que se aproximam dos fantasmas do Apocalipse. “Os Maias” se inscrevem no período em que Portugal passa por um momento histórico de múltiplas carências. O livro aborda a história de três gerações dos Maias: as de Afonso, de Pedro e de Carlos. Todas essas gerações foram marcadas pela decadência, não só familiar mas também da própria nação. Sobre a teoria que define os romances de finais de séculos, assim se expressa a

autora:

O termo fin de siècle surgiu na França na década de 1880 para definir o estado de espírito da época e se espalhou rapidamente por toda a Europa e Estados Unidos. Os finais de séculos parecem não só sugerir como também intensificar as crises. (SHOWALTER, p.18)

Por que os finais de séculos provocam tanta expectativa nas pessoas? Para alguns teóricos, o final de século é apenas uma fronteira imaginária do tempo, todavia a teoria de Showalter reafirma que as crises de finais de séculos são vivenciadas com maior intensidade, mais repletas de emoção e mais carregadas de significados simbólicos por lhe atribuímos as metáforas da morte e do renascimento.

Foi dito que a história de “Os Maias” percorre três gerações, iniciaremos com a de Afonso da Maia, cujo perfil está, assim, delineado:

Os Maias eram uma família da Beira, sempre pouco numerosa sem linhas colaterais, sem parentelas - e agora reduzida a dois varões, o senhor da casa, Afonso da Maia, um Velho já, quase um antepassado, mais idoso que o século e seu neto Carlos que estudava medicina em Coimbra. (OS MAIAS, p.16).

Na Beira, Afonso residia na Quinta de Santa Olávia, o que mais o prendia àquela região era a água que Afonso dizia ser responsável pela sua saúde mantendo-o sem dor e sem doença, duro e resistente aos desgostos, aos anos e aos vendavais que passavam por ele sem deixar nenhum traço de abatimento. Durante a revolução liberal, retirou-se para o exílio, depois regressou desiludido, levando uma vida tranquila. Era um homem probo, honesto, solitário e desgostoso com o Portugal dos barões e dos Conselheiros.

Como explicar que uma linhagem tradicional e sólida, gente do Velho Portugal, pudesse se desmoronar, deteriorando-se ao ponto de testemunhar o incesto entre dois irmãos: Carlos e Maria Eduarda, netos de Afonso e filhos de Pedro e Maria Monforte.

Quanto ao filho Pedro, este foi sempre frágil, preso à mãe que satisfazia os seus desejos. Recusou estudar na universidade de Coimbra e tinha poucos traços da família Maia. “Nenhum desejo forte parecera jamais vibrar naquela alma meio adormecida e passiva”. (OS MAIAS, p. 29)

Esse era o perfil de Pedro que, envolvido com as crises de melancolia, era

visto com olheiras que o transformara em um jovem velho; o seu único sentimento vivo fora a paixão pela mãe. Com a morte dessa, acentuaram-se as crises de melancolia e sucedeu-lhe um período de vida turbulenta e dissipada em que Pedro, levado por um romantismo torpe, procurava afogar em lupanares e botequins as saudades da mãe.

Após dois anos da morte da mãe, Pedro encontrou um substituto para as suas dores: "Não tardou muito de resto a falar por toda a Lisboa da paixão de Pedro da Maia pela "negreira" (Os Maias p.35). Essa era a alcunha de Maria Monforte, herança do seu pai, gente de estirpe duvidosa, os Monfortes, ligados ao crime e ao tráfico de escravos.

Tal relacionamento não agradava aos amigos de Afonso da Maia, este, no início, não desgostava que o filho estivesse envolvido em um relacionamento tão forte com uma mulher, capaz de tirar-lhe da estroinice e da melancolia, sentimentos com os quais ele estivera envolvido. Afonso, até então, ignorava a existência dos Monforte e as particularidades que os amigos, mais tarde, lhe contaram. "Enfim, todos os rapazes têm as suas amantes... Os costumes são assim, a vida é assim, e seria absurdo querer reprimir tais coisas. Mas essa mulher com um pai desses, mesmo para amante acho má (OS MAIAS, p.36).

Afonso da Maia supunha que Pedro jamais escolheria Maria Monforte para sua esposa, até para amante, ele considerava um caso perigoso. Inesperadamente, Pedro comunica-lhe que se casará com Maria Monforte, mesmo sem o consentimento do pai. Após o casamento, o casal partiu para a Itália.

Nessa viagem de núpcias, visitaram a França e depois retornam a Lisboa, a fim de enfrentarem a resistência de Afonso da Maia que se recusa a recebê-los. Afonso continua rancoroso, não aprovava Maria Monforte: mesmo com o nascimento do primeiro neto, ele não arrefeceu a sua cólera e, para os amigos, comentava que a mulher de Pedro não passava de uma devassa, protótipo de Helena ou Judite, mulheres fatais da antiguidade clássica.

Pedro não estava satisfeito com o ambiente festivo e promíscuo que predominava na sua casa;

Sem sentir ciúmes, vinha-lhe às vezes de repente, um tédio daquela existência de luxo e de festa, um desejo violento de sacudir da sala esses homens, os seus íntimos, que se atropelavam assim ardentemente em volta dos ombros de Maria. (OS MAIAS, p.44).

Era o início do calvário que Pedro iria percorrer um cenário sombrio no qual o marido se refugiava; percebe-se que Maria Monforte é uma presa fácil, candidata à traição e não demorou muito para que tal ato fosse consumado. Aproveita a ocasião em que Pedro está ausente, foge com um italiano, seu hóspede, e deixa, apenas, uma carta ao marido, comunicando-lhe que levava em sua companhia a filha Maria Eduarda, enquanto que o filho Carlos da Maia ficaria aos cuidados do pai. Não suportando tamanha traição, Pedro suicida-se, deixando o filho Carlos, que será educado pelo avô, Afonso da Maia.

Desponta, agora, a geração de Carlos da Maia, que receberá uma educação esmerada do seu avô; frequentou a universidade de Coimbra e se formou em medicina; com todo o luxo de um nobre inglês, frequenta os lugares mais visitados pelos acadêmicos da mais alta linhagem. Terminado o curso, faz um estágio médico na Inglaterra para se especializar em administração hospitalar. Ao retornar da Inglaterra e depois de excursionar por outros países, pretende montar uma clínica.

Carlos trazia realmente soluções sinceras de trabalho; a ciência como mera ornamentação interior do espírito, mas inútil para os outros que as próprias tapeçarias do seu quarto, parecia-lhe apenas um luxo solitário; desejava ser útil. Mas as suas ambições flutuavam, intensas e vagas; ora pensava numa larga clínica; ora na composição de um livro iniciador, algumas vezes em experiências reveladoras... Sentia em si, ou supunha sentir, o tumulto de uma força, sem lhe discernir a linha de aplicação. Alguma coisa de brilhante “,como ele dizia, e isto para ele, homem de luxo e homem de estudo, significava um conjunto de representação social e de atividade científica; o remexer profundo de ideias entre as influências delicadas da riqueza; os elevados vagares da filosofia entremeadas com requintes de esport e de gosto; um Claude Bernard que fosse também um Morny... No fundo um diletante (OS MAIAS, p.1000).

É curioso ressaltar que Carlos da Maia apesar de idealizar várias ações a serem implementadas, sentia-se indeciso em adotar uma metodologia capaz de realizar esses projetos. Era rico, inteligente, tinha tudo para instalar uma clínica e fazê-la funcionar. Aspirava a igualar-se a Claude Bernard, um dos arautos da medicina experimental e reverenciado mundialmente, não satisfeito com esse intento, desejava, também, ser detentor dos conhecimentos de Morny, no campo da economia e da política. Se todos esses projetos fossem executados, seria considerado uma glória nacional, todavia o texto conclui que, no fundo, Carlos é um

Revista Ininga v. 1, n. 1 | ISSN 2359-2265 – Segundo Semestre de 2014

diletante, significa que os seus projetos só serviam para o seu deleite, mas não tinham nenhuma utilidade social.

Para João Medina, Carlos se define como diletante, egoísta, perfeito ocioso; tinha todos os requisitos para servir como médico a um país que precisa de saúde física e moral. Carlos simboliza um fracasso das classes dirigentes da aristocracia e da burguesia endinheirada; ele é o protótipo de ricos que acabam por ir gozar no estrangeiro as rendas das glebas lusitanas.

Identifica-se Carlos da Maia com a própria incapacidade de Portugal em se regenerar, em encontrar um caminho, são os vencidíssimos finisseculares. Na galeria eciana, Carlos da Maia não deve ser tomado como um personagem simpático. Há nele uma exacerbada negligência moral e intelectual para ser considerado um paradigma humano.

Reafirmando a ideia de Apocalipse, Chevalier (1999, p. 65) assim o define:

O Apocalipse é um texto profético que se apoia em realidades misteriosas, conhecido como símbolo do fim do mundo, pois tudo ou quase tudo em um apocalipse tem um valor simbólico; como símbolo dos derradeiros dias do mundo que serão marcados por fenômenos extraordinários como: desabamentos de montanhas, incêndios, terremotos, catástrofes, corrupção, decadência das classes sociais e relaxamento dos costumes. O Apocalipse evoca a destruição e o renascimento.

O texto em referência, em muitos aspectos, corrobora com “Os Maias”; a decadência nacional parece ser irremediável. Havia um clima de ceticismo, de descrença espalhado por todas as classes sociais. Alguns acreditavam que a salvação do país seria puramente política, enquanto outros não viam saída nem na revolução social, nem no Partido Republicano. Eça parece inclinar-se para uma espécie de Sebastianismo catastrofista.

Fica evidenciado que os mitos e as metáforas do Apocalipse são recorrentes em “Os Maias”. Isso nos leva a pensar que um destino maligno pousava sobre Portugal; essa ideia se manifesta através do encontro inesperado entre Maria Eduarda e Carlos da Maia que, sem saberem que eram irmãos, apaixonam-se perdidamente. Sem consciência do passado dos pais, os irmãos se amam resultando daí uma relação incestuosa, pecaminosa. Por ironia, esse foi talvez o único amor sério de Carlos que veio se inscrever no círculo maldito do parentesco fraternal, provocando a morte do avô Afonso da Maia.

Durante o velório de Afonso da Maia, alguns amigos passaram a lembrar o passado:

Vejam vocês, filhos se se encontram ainda uma gente como estes Maias, almas de leões, generosos, valentes!... Tudo parece ir morrendo neste desgraçado país!... Foi-se a faísca, foi-se a paixão. (OS MAIAS, 2005 p.321).

A reflexão feita pelos amigos de Afonso, durante o velório, destaca a fortaleza de outrora e a decadência de então e que a família Maia e a nação portuguesa viviam as mesmas crises; uma estava em consonância com a outra. Afonso fazia parte da geração de outrora, enquanto que essa nova geração, tendo abandonado o feitiço antigo decidira denominá-lo de Portugal contemporâneo, mas sem originalidade, tornando-se um país postiço, sem algo de genuíno, que importava tudo, até mesmo o pãozinho do café; sem força, sem caráter para criar um modelo próprio e assim importa do estrangeiro todas as espécies de modelos, de ideias, de costumes e de artes, ficando desproporcional dentro do país. (MEDINA, 1980)

Lembrou, ainda, Vilaça que, segundo uma lenda antiga, eram sempre fatais as paredes do Ramallete, palácio dos Maias. O que estava presenciando ali era o fracasso que já vinha acontecendo ao longo do tempo. No final da narrativa, conversando com João da Ega, Carlos fala do seu fracasso e assim o livro nos dá uma pista:

- Falhamos a vida menino.  
-Creio que sim...Mas todo mundo falha mais ou menos falha. Isto é, falha-se sempre na realidade aquela viva que se planejou com imaginação. (OS MAIAS, p. 156)

O fracasso da geração de Carlos da Maia, que coincide com a geração de Eça de Queiroz revelou que foram ambos malogrados, passando a pertencer ao grupo de “Os Vencidos da Vida”. Eça, ao participar das Conferências do Cassino Lisbonense entrou com todo vigor, certo de que mudaria a cara de Portugal, ledo engano, as mudanças não aconteceram e sobressaíram as falhas. Carlos era visto como inteligente, com bons propósitos, médico que pretendia ajudar na saúde dos seus compatriotas, montou consultório, mas nunca atendeu um cliente, o livro que ele pretendia escrever também foi uma meta que não foi levada a cabo. Instalou uma clínica com toda tecnologia de ponta, porém jamais realizou um procedimento.

Todas essas idealizações foram inúteis porque não tinham como meta um alcance social, mas foram projetadas para o seu próprio deleite. Vimos que Carlos da Maia falhou em vários momentos, no entanto a sua falha maior, talvez foi manter um relacionamento incestuoso com a irmã, Maria Eduarda, provocando a morte de Afonso da Maia.

Outros acontecimentos que podem ser vistos como o início da catástrofe foi a união de Pedro com Maria Monforte; essa aliança espúria com uma estirpe duvidosa teve como consequência o adultério de Maria Monforte com um príncipe italiano, em seguida o suicídio de Pedro da Maia e assim foi uma sucessão de fatalidades que culminaram com a morte de Afonso da Maia.

Carlos deixou-se conduzir pelo diletantismo, pela ociosidade de rico lusitano que despreza a coisa pública. Aparentemente, Carlos acumulava credenciais que o qualificavam com o que de melhor existia em Portugal, no entanto, findaria sem nada produzir, nada servir ao país, apesar da condição privilegiada que desfrutava. Tudo isso talvez possa ser justificado pela educação descontextualizada, foi educado ao modo inglês, tendo como preceptor Mr. Brawn, seguindo o padrão antiportuguês, naturalista à base do experimentalismo, cientificismo e nenhuma cartilha lamartiniana (MEDINA, 1980, p.97)

Quanto à ideia de Apocalipse ou catástrofe tão presente no ideário eciano, essa ideia persiste em Os Maias. Acreditava-se que para a regeneração do país, para dar início a um Portugal novo, de fato, remoçado, teria que passar por um processo de provações dolorosas que abalasse os fundamentos dos poderes constituídos. A intervenção poderia acontecer através de uma possível invasão espanhola ou a bancarrota que ameaçava o país e que de fato veio, essa derrocada financeira, que o amigo de Carlos da Maia, João da Ega, sempre dado a soluções extremas, declarava conveniente e desejável. A grande afronta moral não viria da Espanha, mas da Inglaterra. Por outro lado, tanto a bancarrota quanto o Ultimatum inglês aconteceram sem que a estrutura política e institucional do país tivesse ficado sobremaneira abalada.

Pela ótica de João da Ega, a crise revelou-se ineficaz: nem um abalo como o do Ultimatum britânico, nem a bancarrota de 1891 lograram dar a Portugal aquele sangue novo que se esperava ou regenerar as forças exangues de um país que resvalava para o abismo (MEDINA, 1980, p.47).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, o que “Os Maias” fundamentalmente nos tentam mostrar é um Portugal que não possui alma social e que perdeu a consciência de sua própria dignidade, restando aos Egas e aos Carlos, representantes dessa geração, exilar-se no estrangeiro, é o que vai acontecer com Carlos da Maia que abandona Portugal e vai morar em Paris; essa é a posição dos que não têm nenhum compromisso com o seu país, todavia Eça nos mostrará em livros posteriores uma posição inversa de outras personagens qual seja o de retorno à pátria: trata-se de Gonçalo Ramires que volta da África decidido a vencer no país de origem e Jacinto que, de férias passageiras em Tormes, deixa Paris e lá na serra acabará por ficar, convertido de vez ao amor patriótico.

## REFERÊNCIAS

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**. (Trad.) Vera da Costa e Silva. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1992.

QUEIROZ, José Maria Eça. **Os Maias**. Porto Alegre, Coleção L&PM Pocket, 1V e 2V, 2005.

SALES, Sônia. **Eça: vida e obra**. Goiânia, Kelp, 2012.

MEDINA, João. **Eça de Queiroz e a Geração de 70**. Lisboa, Moraes Editora. Janeiro. editora, 1978.

SHOWALTER, Elaine. **Anarquia Sexual: sexo e cultura no “fin de siècle”**. Rio de Janeiro. Rocco, 1993.



